

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 29 DE FEVEREIRO DE 1904

NUMERO 17



! S. M. HARUKO, IMPERATRIZ DO JAPÃO

Quando o Imperador do Japão decidiu constituir o seu Imperio segundo os moldes europeus, deu a mão do esposo a Imperatriz Haruko, filha d'uma das mais nobres familias japonesas. Ao mesmo tempo o Mikado promulgou uma lei pela qual se formou a camara dos pares, hereditaria para o

primeiro tempo, electiva para o segundo e de nomeação regia para o ultimo. Formou tambem por este tempo a camara dos communs, de 300 membros, a razão d'uma despezida por 100.000 habitantes. Desde entao começou a epoca civilisadora para o grande Imperio do Extremo Oriente.

CHRONICA

A Santa Paz do Senhor

Lisboa vive como um *lazzarati* ao sol e na poeira, na miséria, na mendicância, sem se atrever a suspirar nem mesmo a bocejar: é uma cidade de marmore com um somno de chumbo, uma capital de granito enlaidada a um colosso d'aço.

Não a sobresaltam as agitações da Europa nem as catastrophes que se dão pelo norte. Ferrou no somno.

Não é cerebro do mundo como Paris, nem tem o Moulin Rouge, nem faz reuniões para a paz, não

joga o tennis, nem fabrica, nem se interessa pelo Extremo Oriente como Londres, não faz revistas nem confeciona bonecos como Berlim, não lança bombas, não armazena dynamite e peças patrióticas como S. Petersburgo, não occulta ao sol nem rezou como Madrid, não cla-



TIPO ALBANESE

ma contra os turcos e contra os reis como Sofia e como Belgrado. Tem em si um symbolo: a arca, um cerebro perturbado por uma farta digestão.

É uma terra que Deus fez d'um resto d'azul e d'uns parasitas arrancados á veste de S. Labro, não evoluiu, não toma duchos, não tem nervos e assim tem caminhado pelos seculos fóra, ao sol e na Santa Paz do Senhor!...

Vallam-lhe agora um mobilizar 15000 homens. Lisboa abre a bocca e ficase a dormir depois de encaufar o barrete d'algodão.

Entretanto os jornaes veem repletos de telegrammas que a *Heera* distribue na sua fama de bibilhoetra do Universo, narrando que em Paris se faz uma subscrição para os russos, que em Londres se decretou a neutralidade na questão do oriente, que em Madrid se chamam as reservas, que em S. Petersburgo se movem tropas ás quaes o czar faz allocações, que pela Russia fóra passam comboios atalhados de soldados que cantam e

vão para a guerra, que em Tokio o Mikado dá vinte milhões d'yen para a subscrição nacional, que em New-York se enviam notas ás potencias pedindo a neutralidade, que nos Balkans se faz frente á Turquia e que até em Roma, na cidade morta, o Padre

sada, que não se importa com mexericos de visinhos, embora armado até aos dentes.

Não se importa mesmo com o resto do paiz que pastorea gados nas serranias, ensaca carnos e faz leituras, vive como uma pobre doente comida pela



MONASTIR

Santo busca fazer as pazes com o Quirinal, a fim de passar no campo a sua temporada de verão.

E Lisboa continua imperturbavel e serena a dormir, trujada de negro ao som dos sinos e dos ochos do mundo, e fica-se coberta de mosas e de sol, cheia de preguiça e de impostos, morna, amodorrada.

Entorpecida e calma, desolada e macumbusta, vê passar os transatlanticos cheios de passageiros, escuta como n'um sonho as novas do Universo, sabe vagamente do estampido do canhão das esquadras, dos ataques a Port-Arthur, das raivas que se accendem entre os bulgaros, do que faz o Sultão e quantas postas de carne do cão como o rei da Coreia, ouve falar da attitude dos chineses, das hostes de *coolies* das linhas do transiberiano cortadas, dos generaes que urdam, dos combates que se ferem, do *Varyag* pelos ares e d'um almirante russo que se suicida, ouve todas essas novas d'uma tragedia que pode arrastar a Europa, gritam-lhe nos ouvidos que se mobilizarão homens pagos em libras para guardarem a India Inglesa, sabe o que vale por esse mundo de Christo e cousa alguma a acorda, como a dar-se ares de civilidade ultra-civili-

zebra, sugada, sem alento, mas na Santa Paz do Senhor.

Porém, essa Santa paz lisboeta, jámais turbada, não é a mesma que as nações pediam e de que a Russia fallou para se desmentir agora, não é essa paz que a Europa applaudia por fóra ao armarse por dentro, não é essa paz que foi um brado sympathico e que seria como a inauguração de uma era de fraternidade, que seria o fim do aço empregado em canhões e prompto a fabricar locomotivas, rails, caldeiras e charrnas, que seria o fim dos exercitos e o começo da maxima produção da terra, dos campos mais férteis, da humanidade mais farta, que seria como um mundo novo a resurgir, latios a



UMA NOIVA D'ALBANIA



UM CURA BULGARO

abriram-se para cantar, braços a erguerem-se para applausos, vozes a altermarem para glorificações a salvos humanitarios, que seria uma alvorada nova, um mundo a reconecer, uma bandeira branca a erguer-se, e que seria, enfim, a verdadeira paz do Senhor, como elle a imaginou e como elle a quer.

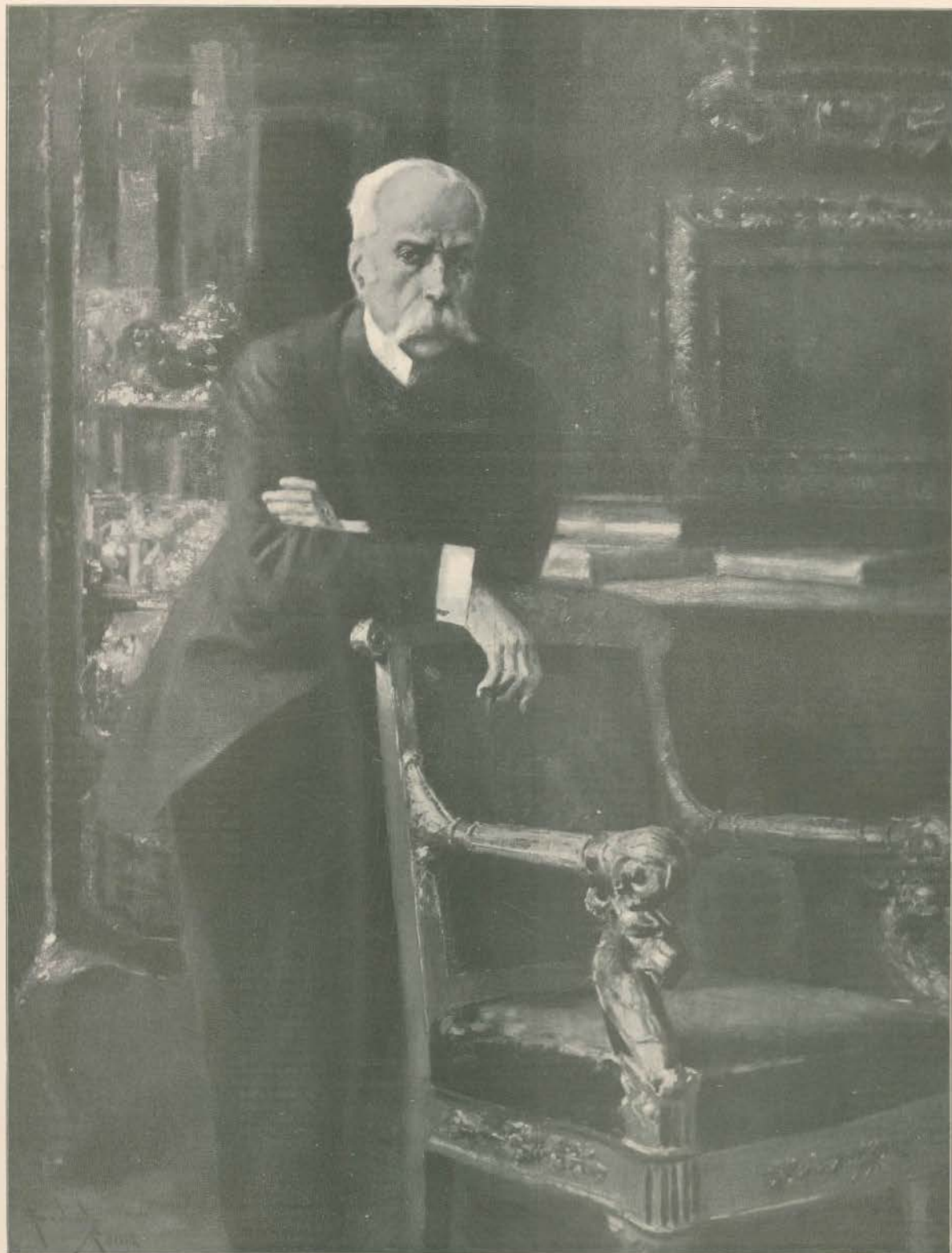
Porém, entre essa paz desejada e proclamada e a que Lisboa eternamente gosa, vale a differença da appetecida quietação d'um sabio, retirado para se dedicar aos seus estudos, ao bem e á sciencia, e a modorra d'um burro faminto em descampado arido, coberto de moscas e de manadas, n'um somno profundo, pesado, bom irmão da morte.

As outras cidades da Europa movem-se, para lutar; Lisboa aquietam-se, para... morrer!

ROCHA MARTINS.

Novamente se agitam os estados balkanicos e a Turquia manda mobilizar tropas, a fim de manter em respeito bulgaros e albaneses, que mais uma vez debatem questões mais de liberdade que de religião. O dominio turco nos progressos estados dos Balkans desde ha muito é mal visto e parece que a este momento milhares de quasi geral agitação os bulgaros se levantam contra os seus poderosos vizinhos. O governo de Sofia toma providencias para que os turcos não transportem a fronteira a russia ter partido em Laska um convenio entre turcos e albaneses sendo heitor Cherm-pacht.

A independencia da Albania é um dos graves motivos que constantemente turbam a paz nos Balkans, porque os Serbios, Romanos e Jannos vivem millos milhares d'albaneses sempre prontos a retribuilarem a sua liberdade conquistada pelos turcos no século 17, tendo os albaneses por exemplo o grande Skanderberg cuja descendencia é casada com D. Pedro Alvaro, um hospedeiro, logo a grande agitação d'Albania e que pelo lado de sua mulher, a prisionera Kastrista, é o protettore do Urmas.



OS PORTUGUEZES NO SALÃO DE ROMA

RETRATO DO SR. CONSELHEIRO MATHIAS DE CARVALHO, MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DO QUIBINAL, OBRA DO PINTOR HISPANOL SANCHEZ DE BARBUDA

O EXERCITO JAPONEZ

A sua evolução

O exercito japonex era constituído no tempo das horas nomadas pelo povo inteiro; até as mulheres, velhos e crianças marchavam para o combate.



UM EXERCICIO DE INFANTARIA JAPONESA

Quando se fixaram definitivamente na ilha de Nippon, todos os homens validos

lombavam parte voluntariamente na lucta, para a defesa da sua existencia, criando o mikado Lonzin quatro grandes commandos militares, distribuindo por elles os seus mais habéis generaes, que passaram a ter o titulo de *shoguns* (generalíssimos). Foi por esta epocha (33 A. C) que começaram as primeiras relações do Japão com a Coréa e a seguir as luctas que se tornaram tão repetidas com o Celeste Imperio.

Contudo, as guerras frequentes com a Coréa fizeram desenvolver no mais alto grau a coragem no exercito e foram a preparação para a sua epoca heroica.

Foi depois a defeza confiada a uma parte da população e assim se succedem, nos fundibularios e frecheiros, os homens armados d'um sabre com o feitto de bainha tão característico que ainda hoje se conserva no Japão.

Em muito mais alto grau do que na Europa, se vê o Japão a braços com encarnicadas luctas interiores, entre as grandes familias feudaes, e os exercitos eram criados, obediendo cada um d'elles ao seu senhor.

A capital (Kioto) foi incendiada pelos partidos rivaes e os bonzos tornaram-se cada vez mais poderosos. Diremos de passagem que foi n'esta epoca de perturbações interiores que os portuguezes se estabeleceram pela primeira vez na ilha de Kion-Siou e que S. Francisco Xavier empreendeu a predica do christianismo.

O exercito japonex, destinado a servir continuamente nas luctas ambiciosas dos grandes, começa a progredir desde que apparece Iyeyas, que é um dos nomes mais gloriosos da historia japonesa. Foi o fundador d'Yedo que promulgou rigorosas leis para o exercito, principes e grandes, fechando-se a era das guerras civis, até 1668, data memoravel da restauração imperial.

CAPITÃO CORREANO

E' a partir de 1877 que o regimento feudal foi abolido e ratificados os tratados com as potencias estrangeiras. Mudada a capital para Iedo, que passou a denominar-se Tokio, o Japão marcha com passo agigantado no caminho da civilisação e, portanto, explica-se como o seu exercito é d'uma edade tão recente e só começa tão tarde a entrar no mundo das organisações europeias.

Com a restauração imperial, reunia o imperador Mon-

tosu-hito as forças militares do Japão e depois da Constituição de 1889 o imperador (Mikado) effectou varias reformas no seu paiz e entre ellas mais intimamente a vida militar com a vida nacional, criando o serviço obrigatorio.

Tendem a desaparecer os combates sangrentos com o cunho da Edade Media, em que os combatentes se punham ao alcance da massa d'armas ou do antigo sabre japonex.

Officiaes instructores foram enviados a França até se dar o desastre de Sedan, em que passaram a receber a educação militar na Alemanha.

Apenas constituído e reorganizado o exercito japonex, recebeu o baptismo de fogo em 1877 contra os *samurai* de Satsum revoltados. Era uma lucta em que se cavava finalmente o tumulo ao antigo Japão, sepultado pelo novo.

O Mikado é o chefe supremo do exercito da terra e do exercito de mar. Um conselho militar, composto de officiaes mais graduados do imperio, reúne sob a presidencia de Mikado, em circumstancias importantes para a defeza nacional. Actualmente são os quatro grandes marechaeas que compõem o conselho militar do imperador: O almirante Ito e os marechaeas Yamagata, e Oyama, tendo como chefe do estado maior o principe Komatou.

O ministro da guerra constitue o orgão supremo d'administração do exercito. Todos os homens validos fazem parte do exercito activo, desde que completam vinte annos de edade. No fim de 3 annos passam á reserva, onde permanecem durante quatro annos e quatro mezes; decorrido esse prazo, passam á reserva territorial. Todo o japonex desde os 17 aos quarenta annos, sempre que não faça parte d'algunha das classes indicadas, é inscripto na Landesturn (leva em massa). Pola ultima lei d'organisação do exercito,



UM GUERREIRO DO SEculo XIII



O PAVILHÃO JAPONEX

começada em 1891 para terminar em 1903—o exercito japonex comprehendia a divisão da guarda imperial, sob o commando pessoal do imperador, 3 corpos d'exercito a 4 divisões cada um; a milicia de Ierso; as tropas de policia de Tsousima, o corpo independente d'occupação de Pescadores e Formosa, e finalmente a gendarmaria, a reserva e a territorial.

Cada uma das 13 divisões do exercito activo consta de: duas brigadas d'infantaria a 2 regimentos, subdivididos estes em tres batalhões de 4 companhias; um regimento de cavallaria a 5 esquadras, um regimento de artilharia com duas secções d'artilharia de campanha e uma secção d'artilharia de montanha, tendo cada secção 3 baterias a 6 peças; um batalhão de pontoneiros dividido em 3 companhias e um batalhão de trem de 2 companhias.

O exercito japonex dispõe actualmente de 30.000 cavallos.

O ministerio da guerra, com o concurso d'officiaes francezes e allemães, criou uma escola d'estado maior, uma escola de guerra, uma escola de cadetes, uma escola d'artilharia e d'engenharria, uma escola de sargentos, escolas de tiro e gymnastica, escola de veterinarios, escola de pyrotechnicos e um instituto medico. A maior parte d'estes estabelecimentos estão installados em Tokio.



ANTIGO LANCEIRO

Uma severa selecção faz com que o soldado japonex seja um soldado excepcionalmente robusto. A educação do soldado e a sua instrução militar começa no inverno ás cinco horas da manhã e no verão ás 4 e meia. Um quarto de hora depois do toque d'alvorada, o soldado toma uma refeição de arroz, legumes, carne fria e duas chavenas de chá. A seguir tem exercicio. Desemvolvo-se no exercicio de gymnastica, tiro, quimando cada soldado a media de 250 cartuchos por anno, na esgrima de bayoneta e em longas marchas de resistencia. Das 6 ás 11 horas, com um descanso de 5 minutos em cada meia hora, o soldado japonex tem instrução ministrada pelos officiaes, d'onde resulta uma perfeita homogeneidade entre a tropa e a corporação de officiaes.

Ao meio dia tem lugar a segunda refeição, semelhante á primeira. Do meio dia ás 2 horas, descanso e serviço interior; das 2 horas ás 6, novos exercicios, e das 6 horas ás 7 a terceira e ultima refeição. Fica livre das 7 ás 9 horas, e se tem alguns *ceas* na algebeira não deixa de tomar uma chavena de chá. Em manobras não acoutona o alimentasso com um punhado de arroz e peixe secco.



UM ARCHEIRO DO SEculo XII

A infantaria está armada com a espingarda de repetição, *Arisaka* de 5, modelo 1898, e a cavallaria com a carabina *Mourata* e

sabre ou a lança se pertence á cavallaria da guarda.

A artilharia de campanha está armada com peças de tiro rapido dos ultimos modelos. Provem em parte da fabrica Krupp, onde mandam 10 officiaes estudar annualmente, para serem impedidos depois no seu arsenal d'Osaka, que lhes fornece alguma artilharia.

Todas as peças tem um calibre uniforme e deram provas de optimas qualidades no cerco de Pekin.

As armas e munições são fabricadas nos arsenaes de Tokio e d'Osaka e no arsenal de Taipé recentemente erigido na Formosa.

A pólvora sem fumo é-lhes fornecida pelas fabricas d'Iwabana e Habaschi.

A cavallaria remonta com cavallos indigenas,

mas os officiaes estão autorisados a apresentar cavallos estrangeiros.

O governo japonex importa cavallos reproductores, das melhores marcas, de Inglaterra, America e Australia. Toda a mobilisação, inspecções geraes, a organização do estado maior, e como de resto tudo o mais no exercito tem sido copiado fielmente da Alemanha.

As manobras annuaes realizadas no exercito japonex tornam-se notaveis pelos cargos impetuosos que realisam os dois partidos. Já deram provas, na tomada de Pekin, que não é só na paz que marcham resolutamente contra um inimigo figurado. Como se sabe, foram os primeiros a chegar quando cooperaram com as forças internacionaes na revolta dos boxers.

Toda esta organização obedece a um systematico fim, pautada, regrada, tem dado excellentes resultados.

E assim viu-se, n'um momento, os japonex largarem as suas vestes largas, substituírem com a sua religião, com os seus cultos, os trappos, como hoje ainda usam os chinezes e coreanos, viu-se deitarem para longe as tradições e os bonzos, para se entregarem a uma civilisação que na Europa lhes abria os braços.

Em vez d'um exercito inculto, sem armas, sem munições, sem estado maior, tem perfeitamente organizada a arte da guerra com officiaes tão illustrados como



ARTILHARIA JAPONEZA



MARECHAL DO EXERCITO JAPONEZ

do velho mundo. A sua artilharia é poderosa, vae da Europa, apesar de no Japão existirem arsenaes: os estudos militares estão ali perfeitamente desenvolvidos e á força de milloes e de audacia os amarells prepararam-se n'um curto espaço para as luctas que se devem travar no Extremo Oriente, no grande mercado que a Europa cubica, que ardientemente deseja.

Todo o cidadão em tempo de guerra é militar, ao menor rebato recolhem das universidades europeias os estudantes japonex que, cheios de foleia moderna, em grandes alardes patrioticos, correm a incorporar-se nas fileiras que marcham para a guerra.

E com essa orientação, os japonex esperam vencer, apesar de terem na frente o mais terrivel dos inimigos.

Até aqui fóra apenas a lucta com chinezes, com boxers, com tribus nomadas ou com exercitos mal organizados; até aqui fóra apenas o exercito, as manobras campaes que custaram algumas vidas mas foram proveitosas aos japonex, que assim mostraram ao mundo a sua força. No momento em que a Russia se preparava para na primavera lhes declarar a guerra, elles puzeram de lado receios, vellos temores, e lançaram para a frente os seus exercitos organizados á europia, com os requintes que elles lhe souberam introduzir, e sem a mais pequena hesitação puzeram em marcha os seus vasos de guerra, mobilisaram as suas forças de terra, atiraram o mundo com os seus canhões, encheram de surpresa a Europa e mostraram que sabiam responder aos ataques, que não deixariam calcar o seu exercito nascente mas já glorioso.

Ainda não se deu o verdadeiro encontro em terra, encontro que deve ser terrivel, pois dois exercitos poderosos vão degladnar-se.



RECRUTAS JAPONEZES

Veremos se os japonex com essa verdadeira tropa d'elite, na lucta que se vae travar, sabem confirmar os creditos de que se rodearam depois da campanha de 1894-95 contra a China, onde obtiveram um triumpho tão rapido e decisivo.

JOÃO CORREIA DOS SANTOS.



A EXPLOSAO NAS OFFICINAS DO REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 9, EM LAMIEGO

Suppõe-se que a explosão teve causa n'uma porção de materia explosiva que existia na officina de servisaaria d'este regimento, a qual, sendo tocada por uma fadega da forja, pegou fogo ás officinas, ferindo os encarregados dos carpinteiros e dos serralleiros etc. João Antonio Pereira e Manuel Ramiro. As portas, que eram fortes, ficaram feitas em astilhas, os vidros de quasi todas as janellas do quartel voaram com a força da explosão e foram atalhadas as grossas paredes do edificio.

As manras que estavam na caval arca cortadas ás officinas soffreram algumas contusões, sendo tambem muito avultados os prejuizos materiaes. O encarregado João Antonio foi conduzido ao hospital militar sendo grave o seu estado.



O TENENTE JOÃO DA CRUZ DA FONSECA E ALMEIDA

Este offical, que morreu em Africa, foi quem, por occasião da guerra com o Gunguhama, dirigiu os trabalhos de abertura de estradas, de Mutamba a Mucumbi, além de ter prestado muitos outros relevantes servicos, o que lhe valeu ser louvado pelo governador de Inhambane. Morto no seu posto, n'aquelle clima insalubre, em serviço da patria, a sua memoria tem nas venerações de todos os portuguezes.



DR. PÉRRERA E CUNHA

Ex-governador civil de Lisboa, recentemente nomeado juiz do tribunal internacional do Egipto



Sr. CONDE DE SALDOSA

Novo governador civil de Lisboa



AS EXPERIENCIAS DO NOVO MATERIAL D'ARTILHARIA NO POLYGOONO DE VENDAS NOVAS EM 22 DE FEVEREIRO

PEÇA CASSET, em preparativo. — SUA MAJESTADE EL-REI COM OS SEUS AJUDANTES DE CAMPO. — SUA MAJESTADE EL-REI O SR. CARLOS EXAMINANDO O ALVO. — SUA ALTEZA REAL O PRINCE D. ALFOUR, O SR. CONTRA-ALMIRANTE DOUTO CASTELLO, O SR. DIRECTOR DA ARMA, O SR. COMDESSA NAYLOS VIEIRA E O ENGENHEIRO CLEMENTEAL, DA CASA CASSET, ASSISTINDO ÀS EXPERIENCIAS. — UMA PEÇA KRUPP. — O ARMÃO DE UMA PEÇA KRUPP.

As experiencias assestram sempre Sua Magestade El-rei e o Infante D. Alfonso, seguindo-os atenciosamente. Tratava-se de experimentar o material das casas Krupp e Erard, d'Allemanha, e Casnet, de França. As peças fizeram uma serie de 6 tiros a distancia de 1500m volutando-se resultados quasi iguaes entre ellas. As peças Casnet saquearam 8 tiros em 21 segundos, e a Krupp 10 tiros em 41 segundos, demonstrando-se a precisão de tiro da primeira. Não se realizou ainda a experiencia da peça Erard. A peça Casnet é toda d'aço com 75mm de calibre, dispõdo de um escudo perpendicular ao eixo que serve para proteger os artilheiros do fogo inimigo. Cada carro de munições transporta 72 projecteis, em quatro compartimentos, em forma de armário, entre seis alojados, perfeitamente

isolados uns dos outros por meio de cellulas. A pólvora d'estes projecteis produz uma quantidade de fumo insignificatissima. A peça Krupp é d'uma disposição parecida com a Casnet, sendo porém a capacidade para o transporte de munições muito superior à primeira, estando os projecteis introduzidos em pequenos cabanos de vauca, que se tiram do carro á medida que se faz fogo. O projectil está aludado revestido de uma camisa de lona, que contribue para retardar mais o tiro, ao contrario do que se dá com a outra peça. O apparelho de pontaria conserva-se em pouco retrogrado, mantendo a mesma linha de mira para elevação e duração.



A DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA NO EXTREMO-ORIENTE—AS INSTALAÇÕES DO CRUZADOR «VASCO DA GAMA»

O CASARÃO DE SÉ, PÓPA DE 15 CANTOS, TUDO RAPIDO ARRABOADO—O GRUPO DE MARINHEIROS—O CRUZADOR DO DOMBORDO—O BASTIDO DA PÓPA E PONTE DE SERVIÇO—A BÓIA DO LEORNE A SEIXA SÁO
 —UMA PEÇA NA PONTE DO BASTIDO DE PÓPA—CASA DE MAREATO JUNTO AO BASTIDO DA PÓPA—A CAMARA DO COMANDANTE—O ESTADO MAIOR DO NAVIO
 1.º COMANDANTE, CAPITÃO DE MAR E GUERRA MARCEL LOUREIRO VASCO DE CASTALHO—2.º, IMERSADO, CAPITÃO DE FREGATEZA FRANCISCO ALEJO BARROSA LEAL—3.º, 2.º TENENTE ISLAAS DIAS REYTES—4.º DE SERVIÇO E BOMBEIRO
 BRAGA—5.º, 2.º TENENTE MARCEL GONCALVES DE CAMPOS BARRA—6.º, 1.º TENENTE ANTONIO LACINHA FERREIRA—7.º, 2.º TENENTE ANTONIO DE AVELAR PASSARÁ E HORTAL—A CAMARA DE VISITA DO COMANDANTE

O *Vasco da Gama* ficou um dos melhores navios da marinha portuguesa após as modificações sofridas em Leorne nos estaleiros do sr. Fratelli Orlando, onde lhe foram augmentados 9,12 a meia nau e 2 metros à proa, para lhe «atorar a forma».

O cruzador tem agora as seguintes dimensões: comprimento entre perpendiculares, 70^m,88; boca, 12^m,10; immersiono media, 5^m,36; differença do immersiono, 1^m,50; deslocamento, 3,920 toneladas; duas machinas de triplice expansão; cinco caldeiras cylindricas; 420 toneladas de carvão; potencia indicada (aproximadamente) 6000 cavallos; ratio d'acção, 55000 a 10 milhas; velocidade maxima, 15,5; guarnição, 260 homens; armamento, 2 peças de 20⁰, 1 de 15⁰, 1 de 12⁰, 8 de 47^{mm} e duas metralhadoras de 6,5^{mm}.

Protege-o uma couraça de ferro forjado com 25 centímetros e 4 milímetros da maxima espessura.

As machinas são alimentadas por cinco caldeiras cylindricas, com 4 formalos de chapa ondulada cada uma, formando dois grupos.

Todos osapparehos auxiliares são independentes das machinas motoras, constando de dois pares de bombas de ar, dois apparehos principais de alimentação; um resaccosador de agua de alimentação com filtro; dois pares de bombas para esgotar de porões, fundo fundo e para serviço de incendio; um condensador auxiliar; uma bomba Worthington servindo para a circulação do mesmo e para a bomba de ar respectiva.

A installação electrica comporta tres dynamos Compound com motores proprios, de um só cylindro. Os dynamos podem ser associados em quantidade, para o que

ha um quadro especial o são de 110 ampères a 110 volts, fornecendo energia para a illuminação interna e externa e para a transmissão da força.

Os circuitos são em numero de sete, sendo dois para os cobertas e alojamentos, um para o cozinho, um para signaes e navegação e um para transmissão de força. Além d'estas, ha dois circuitos dos projectores. Todos os circuitos electricos expostos á acção da agua são protegidos por tubos Borrman. Os telegraphos para serviço das machinas são electricos.

Sobre o tombadilho vê-se uma peça de 15 45 cent, com o angulo de 340°; dois mastros militares com duas metralhadoras de 6,5^{mm} servidas por elevador manual. A vante uma peça de 76^{mm}; por sobre a ré está collocado o blockaus e a ponte de commando com a casa de navegação a meio e aos extremos duas peças de 47^{mm}. Sobre os portões e apoiada sobre o roof ha uma outra ponte com duas peças de 47^{mm}.

Na primeira coberta de proa e para ré estão installadas: enfermaria com dez camas, casa do banho e botica; a seguir, alojamento do estado menor com camara, despensa e outra casa de banho.

Para ré da couraça transversal de vante do antigo redondo, malca que se conservou como já d'ellesmos, fica a coberta dos fogueiros. A's amuradas, a partir da mesma couraça transversal, ficam as reservas de carvão, que se prolongam até ás casernas das machinas, servindo de protecção. Nesta mesma coberta ficam as cozinhas de commandante e officinas. Esm seguida ás cozinhas fica a caixa das soias das duas chaminés e entre estas a of-

ficina da machina. Segue, fazendo parte d'esta mesma caixa, um espaço dividido em tres partes, para casa de banho dos fogueiros, a meio navio; a bombordo, secretaria dos sargentes, e a estibordo, arrecadação de ferramentas da machina.

Segue-se a meio navio a camara dos guardas-marinhas com escotilhas e dois camarotes para os segundos machinistas e a ante-camara dos officinas com a escada para o cozinho. A's amuradas: a bombordo, tres camarotes para officinas e casa do banho; a estibordo, tres camarotes e a despensa dos officinas. Em seguida a camara dos officinas, com tres vigias por bordo e escotilha para o tombadilho, e no bico da pópa tres camarotes para officinas.

No pavimento superior, a partir de proa em todo o comprimento do castello, coberta de marinhagem com banho da guarnição no bico de proa e a machina dos cabrestantes. Vem sahir tambem n'esta coberta o montacargas do 76 e 47^{mm}. Aqui ficam duas peças de 47^{mm}. Em seguida uma casa de pilotagem; debaixo da ponte e ás amuradas armarios para parlamentos de embarcações.

Os alojamentos do commandante são separados por um corredor a estibordo. A bombordo fica o camarim, communicando com a sala de recepção; a estibordo casa do banho e despensa, seguindo-se-lhe a camara com terrace.

O *Vasco da Gama* tem estas embarcações: 1 escalor a vapor, 2 baleceiras salva-vidas, 1 canoa do commandante, 1 baleceira de officinas, 1 escalor de 10 remos, 1 escalor de 12 remos e 1 bote.

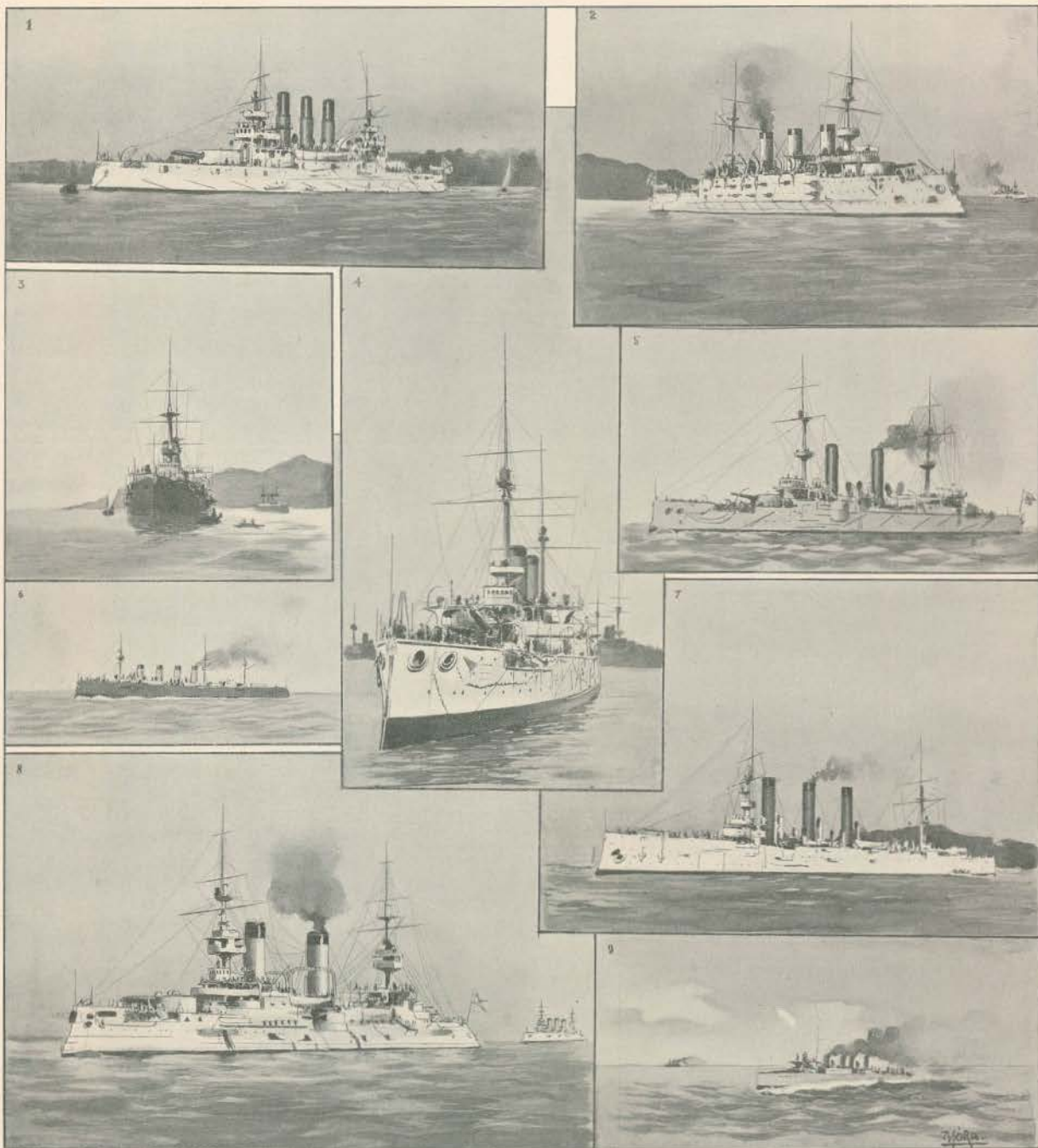


A CHEGADA A LISBOA DA TUNA DOS ESTUDANTES DE S. THIAGO DE COMPOSTELLA

Em 21 de Setembro, pelas 4 horas da tarde, chegou a cidade de Lisboa a tuna Académica Compostellana, a qual foi recebida no meio de maior entusiasmo pelas autoridades de Lisboa. Os académicos acompanhados tinham vindo de Coimbra, onde lhes fizera uma grandiosa recepção que se realizou no dia seguinte ao da chegada foram recebidos pela câmara municipal de Lisboa, imbuída de boas vontades para a recepção da tuna e presidente do município.

Foi o mesmo dia, realizaram-se no Jardim do Estoril e no jardim de S. Paulo, em Lisboa, duas sessões de concertos em que se fizeram ouvir os melhores cantores da tuna de Compostella e a tuna de Compostella é composta pelos seguintes senhores: D. António Duarte Gomes Araújo, D. Otton Soares, D. António Lopes, D. Francisco Hernandez, D.

D. Manuel, D. Eusebio Pina, D. Pio e D. Luis Garcia Hernandez, D. Manuel Pires Lopes, D. Martin Espinosa, D. Antonio Palacios, D. José Fortes, D. Alberto Lobo, D. Luis Rodriguez, D. Esteban Zola, D. Sebastian Bolan, D. Emilio Barrio, D. Julio Magallon Alvarez Novoa, D. Francisco Paz Espinosa, D. Roman Perez Ugal, Gonzalo Vico, D. Guadalupe Amado, D. José Perea Acosta, D. Manuel Rey, D. Luis Garcia, D. Rafael Barrio, D. Rafael Barrio, D. Juan José Pizarro, D. Julio Garcia, D. Vicente Garcia, D. Christiano Pardo, D. Ladron de Guebara, D. Antonio de Almeida, D. Henrique Ferreira, D. José Perea Acosta, D. Joaquin Gomez, D. Vicente Santonja, D. Manuel Lopez, D. Luis Perea Garcia e D. Manuel e Gregorio Dagosa.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA

A marinha da guerra japonesa tem augmentado consideravelmente e sem a guerra actual, dentro em quatro annos, o Japão possuiria uma das melhores esquadras do mundo nas aguas do Pacifico. Quarenta annos de uma armada superior a todas as do mundo que fundam n'aquelle oceano, desde 1850, que o paiz do Extremo Oriente começou a mandar construir navios na Europa e na America, os quaes constituem a defesa das suas costas. Em Tokio mandaram construir arsenaes confiando a sua direcção ao engenheiro naval francez mr. Bertin, mas, apesoa de tudo, os japonezes continuaram a mandar fazer navios ao estrangeiro, tendo para isso uma verba de 900 milhoes de francos. Desde 1890 foram construidos para o Japão 9 couraçados de esquadra, sendo 2 de 12500 toneladas e os outros de 10000, 11 cruzadores coraçados de 9500 toneladas, 11 cruzadores guarda costas de 4300 toneladas, 15 contratorpedeiros de 275 e 300 toneladas, 22 torpedeiros de 1.ª classe de 80 toneladas, 15 de 2.ª classe de 60 toneladas. Além d'estes navios possui ainda 2 couraçados, 2 canhoneiras coraçadas, 13 cruzadores, 47 canhoneiras e 10 torpedeiros, além os transportes e dos navios escola. O armamento foi construido em França o *Asama* e em Inglaterra o *Asahi*.

1 — O couraçado russo *Zetrisian* que foi posto fóra do combate em Porto Arthur. O *Retrisan* tem 376 pés de comprimento, desloca 12700 toneladas, e anda 20 milhas por hora. — 2 O couraçado japonês *Mikasa*, desloca 15200 toneladas, tem 50 peças e 5 tubos lança-torpedos. — 3 O cruzador russo *Pobleda*, foi lançado ao mar em 1900; comprimento 435 pés, desloca 12674 toneladas e tem o andamento de 19 milhas por hora. — 4 *Asahi*, o ultimo couraçado japonês construido em Inglaterra. — 5 O *Asama*, o ultimo couraçado japonês feito em França, foi construido nos estaleiros de Loire sob a vigilancia d'engenheiros japonezes, sendo lançado á agua em 24 de Junho de 1898. As suas principaes dimensões são comprimento, 135m, 90; largura 18m, 44 e tem 9750 toneladas. O seu armamento consta de 4 canhões de 8 pollegadas, 12 de 6 pollegadas, 12 de 75 milímetros, 5 tubos lança-torpedos, a machina é da força de 10000 cavallos e que dá a velocidade de 20 nós maritimos. O *Asama* tem a equipagem de 438 homens e 28 officiaes. — 6 O cruzador-couraçado russo *Rosla*, com 12400 toneladas, mede 140m de comprimento, 14500 cavallos de força, e anda 20 milhas por hora. — 7 O cruzador russo *Pallada*, de 1.ª classe, mede 120m de comprimento, desloca 6300 toneladas, 16000 cavallos de força e anda 21 milhas por hora. — 8 O cruzador russo *Czarewitch*, que soffreu avaria no combate de Porto Arthur, tem de comprimento 388 pés, desloca 13119 toneladas e anda 19 milhas. — 9 O cruzador japonês *Albatros*, é um destroyer cujas machinas tem a força de 5700 cavallos e que lhe dão o andamento de 19 milhas por hora.

1 — O couraçado russo *Zetrisian* que foi posto fóra do combate em Porto Arthur. O *Retrisan* tem 376 pés de comprimento, desloca 12700 toneladas, e anda 20 milhas por hora. — 2 O couraçado japonês *Mikasa*, desloca 15200 toneladas, tem 50 peças e 5 tubos lança-torpedos. — 3 O cruzador russo *Pobleda*, foi lançado ao mar em 1900; comprimento 435 pés, desloca 12674 toneladas e tem o andamento de 19 milhas por hora. — 4 *Asahi*, o ultimo couraçado japonês construido em Inglaterra. — 5 O *Asama*, o ultimo couraçado japonês feito em França, foi construido nos estaleiros de Loire sob a vigilancia d'engenheiros japonezes, sendo lançado á agua em 24 de Junho de 1898. As suas principaes dimensões são comprimento, 135m, 90; largura 18m, 44 e tem 9750 toneladas. O seu armamento consta de 4 canhões de 8 pollegadas, 12 de 6 pollegadas, 12 de 75 milímetros, 5 tubos lança-torpedos, a machina é da força de 10000 cavallos e que dá a velocidade de 20 nós maritimos. O *Asama* tem a equipagem de 438 homens e 28 officiaes. — 6 O cruzador-couraçado russo *Rosla*, com 12400 toneladas, mede 140m de comprimento, 14500 cavallos de força, e anda 20 milhas por hora. — 7 O cruzador russo *Pallada*, de 1.ª classe, mede 120m de comprimento, desloca 6300 toneladas, 16000 cavallos de força e anda 21 milhas por hora. — 8 O cruzador russo *Czarewitch*, que soffreu avaria no combate de Porto Arthur, tem de comprimento 388 pés, desloca 13119 toneladas e anda 19 milhas. — 9 O cruzador japonês *Albatros*, é um destroyer cujas machinas tem a força de 5700 cavallos e que lhe dão o andamento de 19 milhas por hora.



YU-KIENG LI HSI, REI DA COREIA
Nasceu em 1851 e subiu ao throno em 1864



EMILY BROWN, RAINHÁ DA COREIA
É americana e casou com o rei da Coreia em 1870



O PRINCFE ISO-HITO
Herdeiro do throno do Japão. Nasceu em 1870



YAMAGATA
É um dos homens mais importantes do Japão e commando em chefe o exercito d'operações. Foi o general em chefe no tempo da guerra da China com o Japão.



O PRINCFE YI-DROK
Herdeiro do throno da Coreia. Nasceu em 1874



O BARÃO KODAMA
General-in-chefe do estado-maior japonês. Foi o ministro da guerra durante o conflicto chinês



TOGO
Almirante da esquadra activa japonesa, tornou-se extremamente notavel pelos seus brilhantes ataques aos russos em Chemulpo e em Porto Arthur, onde a esquadra do seu commando tem sido vencida.



KURINO
Ex-ministro do Japão em S. Petersburgo. Pela mão d'este diplomata passaram todos os documentos referentes á questão actual. Deixou a capital da Russia em 6 de fevereiro e passou a Berlin, a aguardar ordens do seu governo.



GABEI YAMAMOTO
Ministro da marinha do Japão, chefe da administração naval. É um dos mais instruidos japoneses. Educado em Inglaterra com todos os requizitos da civilização, é um verdadeiro conhecedor dos assumptos navaes.

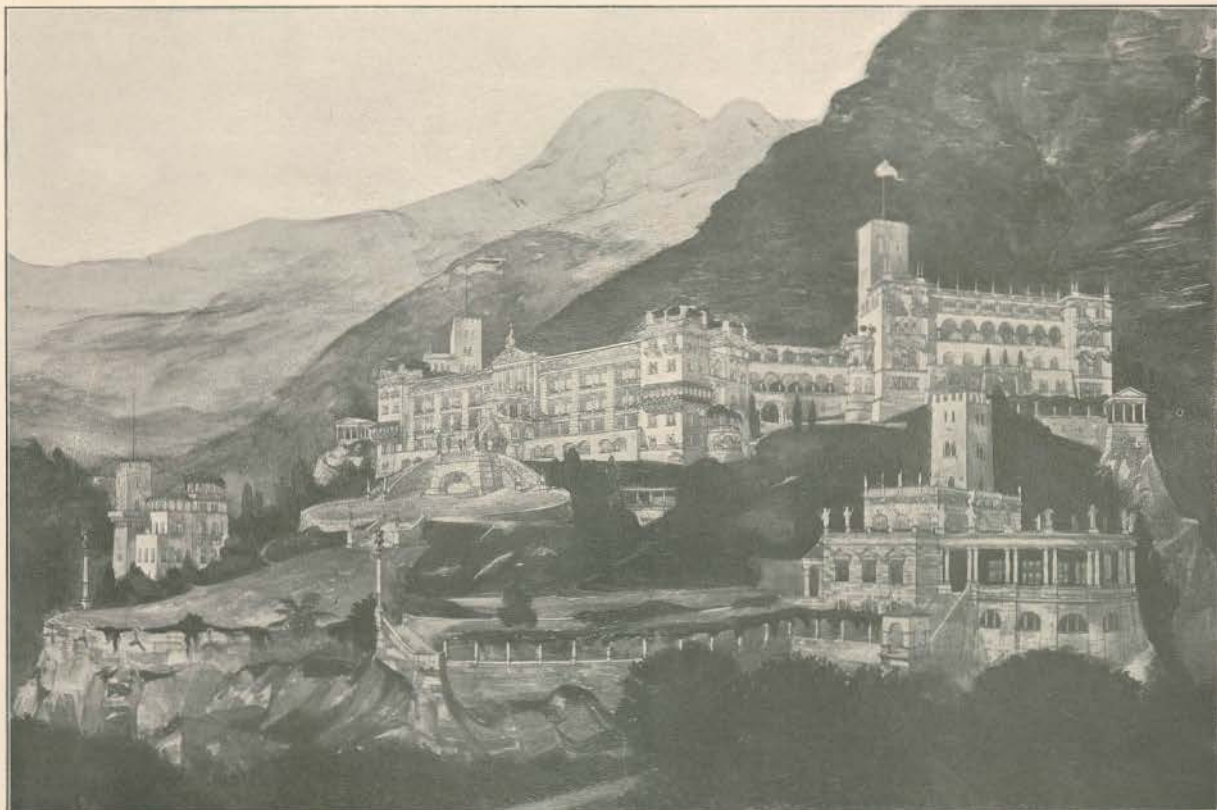


R. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS, A CAVALLO, SEGUIDO PELOS SEUS AJUDANTES DE CAMPO

quadro de Carlos Z. e. a.

É um magnífico trabalho a que o artista deu todo o vigor, fazendo destacar brilhantemente a figura de S. M. El-Rei, S. M. a rainha senhora D. Maria Pia, acompanhada pela sua margreza de

Bellas e pelo sr. coronel Benjamin Pinto, sobre ao dia 11 ao stábil de sr. Carlos Reis, tendo para o pintar pintores do estajo.



O PROJECTO DO FUTURO SANATÓRIO NA ILHA DA MADEIRA

Serão uma magnífica edificação essas que a sociedade alemã da qual é presidente o príncipe de Hohenzollern vai construir na Madeira, aproveitando o variado clima da ilha para a cura de tuberculoses. Dentro em pouco começará os trabalhos e dentro em um anno far-se-á a inauguração do primeiro sanatório. Construir-se-ão edifícios a grandes alturas e outros junto ao mar, ficando a dominar todos ellas a soberba construção do Sanatório-Palacio.

Consta de tres corpos este edificio, os quaes communicarão entre si por passagens cobertas e vastas esquadrias. Haverá ali um luxuoso hotel de primeira categoria com a sua bibliotheca, salas de leitura com terracos, salões para *free-club-rooms* que permitirá aos doentes gozo da vida mundana tanto quanto lhes poder ser concedido. No andar de baixo serão os gabinetes dos

medicos, os laboratorios, etc. E' no primeiro andar construir-se-á uma magnifica sala de jantar e um grande *restaurant* que communicará com a larga varanda.

Haverá tambem dois edificios para doentes pobres que serão mantidos a expensas da sociedade alemã que vai explorar os Sanatórios da ilha da Madeira.

Na formação da companhia entram, além do príncipe d'Hohenzollern, os duques de Upret, de Franchenberg, o príncipe Rosen de Carient, conselheiros H. coli, Barocio e Anders; Em 13 de março proximo parte de Southampton para a Madeira a commissão scientifica composta dos Drs. Pannewitz e Intenz, que v.ã. estudar os logares mais apropriados para o estabelecimento dos Sanatórios.



CAPITÃO TENENTE DIOGO DE SÁ
Comandante da *Dia*



CAPITÃO DE FRAGATA
FRANCISCO JULIO BARBOSA LEAL
O imediato do *Vasco da Gama*



CAPITÃO DE MAR E GUERRA
VASCO DE CARVALHO
Comandante do *Vasco da Gama*



CAPITÃO DE FRAGATA ANTAS RIBEIRO
Comandante do *Adamastor*



A CANHONHEIRA «DIU»



O CRUZADOR «VASCO DA GAMA»

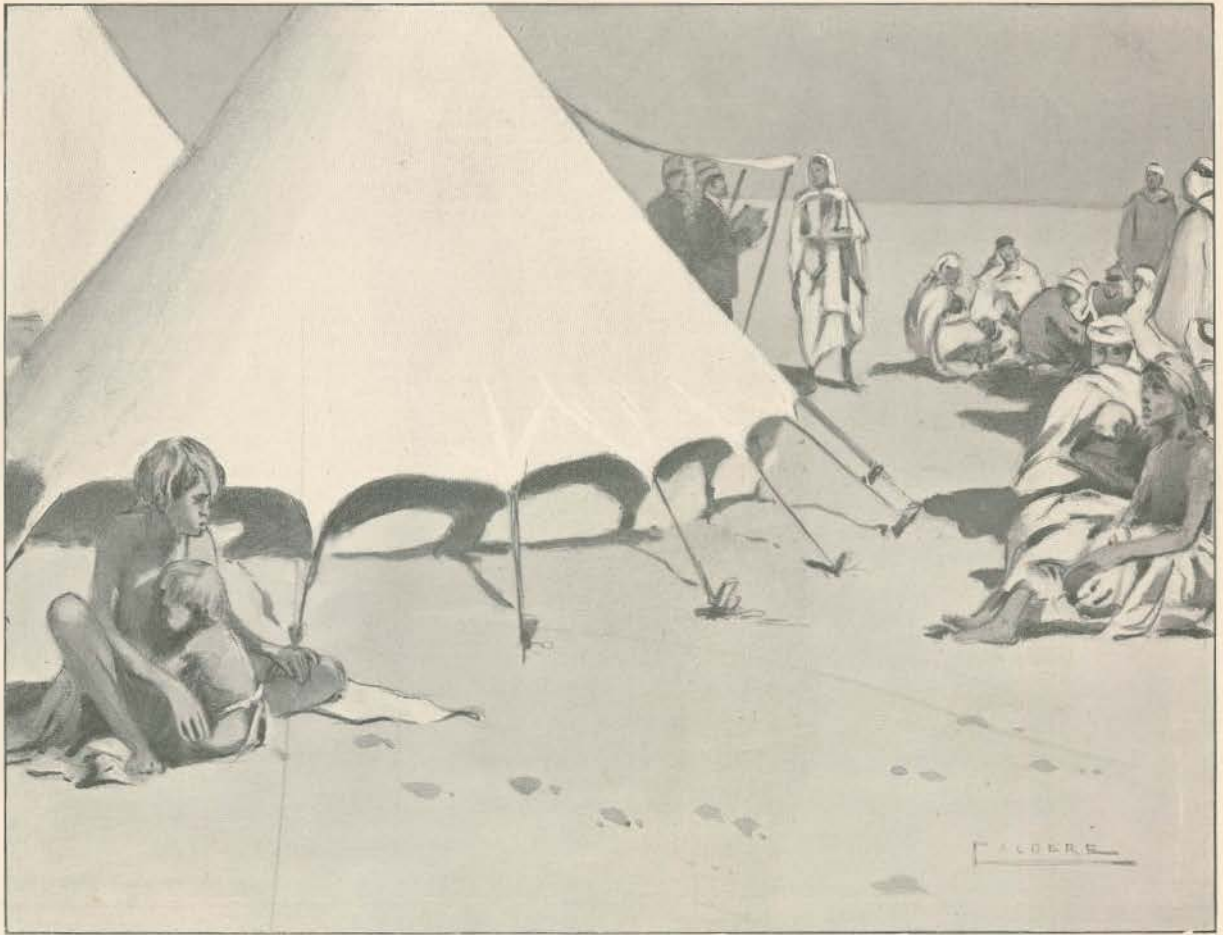


O CRUZADOR «ADAMASTOR»

A DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA NO EXTREMO ORIENTE

A divisão naval portuguesa é composta pelo cruzador *Vasco da Gama*, com 204 praças de marinha, sob o commando do sr. capitão de mar e guerra Vasco de Carvalho, pelo cruzador *Adamastor*, com 220 praças, sob o commando do sr. capitão de fragata Antas Ribeiro, e da canhoneira *Diu*, commandada pelo sr. Diogo de Sá, com 105 praças de marinhagem. O *Adamastor* foi a Mozambique met-

ter e carvão e receber as cartas de navegação pertencentes à *Esira*, seguindo por Colombo, Singapura, Hong-Kong, Siazee e Macau. O *Vasco da Gama* ficará em Nagasaki (Japão), o *Adamastor* em Shanghai e a *Diu* em Macau. A viagem do *Vasco da Gama* será de 35 a 35 dias, tendo o seguinte itinerario: Port-Saïd, Soer, Aden, Colombo, Singapura, Hong-Kong e Siazee.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

A aldeia está edificada sobre uma fraca corrente de agua, e em volta d'ella se vê uma vegetação viçosa. Para além d'este circulo encantado, por espaço de milhas de todos os lados, se estende um arido deserto de areia, que produz um arbusto tufoado e cinzento, semelhante à salva. Uma aldeia da Syria é a vista mais triste que se pode imaginar, e os seus arredores estão em perfeita harmonia com ella.

Eu não teria feito esta dissertação sobre as aldeias da Syria, se não se desse o facto de Nemrod, o poderoso caçador de notoriedade bíblica, estar enterrado em Jonestown, e eu desejar informar o publico onde é que elle está. A' semelhança de Homero, diz-se que elle foi sepultado em muitas outras terras, mas este é o unico verdadeiro logar em que repousam as suas cinzas.

Quando se dispersaram as tribus primitivas, ha mais de quatro mil annos, Nemrod com numerosa companhia percorreu trezentas ou quatrocentas milhas e acampou onde foi depois a grande cidade de Babilonia. Nemrod edificou essa cidade. Principiu tambem a construir a famosa torre de Babel. Elevou-se até oito andares, dos quaes dois permanecem ainda na actualidade — um monte rochoso de tijolo, com o centro despedaçado pelos terremotos, e queimado e vitificado pelos relampagos de um Deus irado. Mas a ruína ha de ainda durar seculos, para vergonha dos pécos trabalhos d'estas modernas gerações do homem. Os seus aposentos immensos são habitados por micos e línes, e o velho Nemrod jaz desprezado n'esta miseravel aldeia, muito longo do seu grande commettimento.

Levantámos o acampamento pela manhã muito cedo, e seguimos a cavallo sempre, sempre, sempre, assim me parecia, sobre desertos roqueimados e pedregosos outeiros, mortos de sede, e sem agua nenhuma para beber. Haviam-se exgotado os odres n'um instante. Ao meio dia fizemos alto deante da mesquinha cidade arabe de El Yuba Dan, empoleirada na encosta da montanha, mas o drogman disse que, se lá fôssemos em esta do agua, se-

riamos atacados por toda a tribu, que não gostava de christãos. Tivemos de proseguir a viagem. Passadas duas horas, chegámos ao sopé de uma elevada montanha, coroada pelo castello de Baniás que se está desmoronando, e o v. pelo que tenho visto, a ruína mais majestosa n'aquelle genero que ha na terra. Tem mil pés de comprimento e duzentos de largura, todo da mais symetria e ao mesmo tempo da mais pesada cantaria. As torres e bastiões massivos tem mais de trinta pés de altura, e foram do sessenta. Do pico da montanha se elevam as suas quebradas torrinhas por cima de bosques de antigos carvalhos e oliveiras, e o seu aspecto é admiravelmente pittoresco. E' tão grande a sua antiguidade que ninguém sabe quem o edificou quando foi edificado. E' absolutamente inacessivel, excepto n'um logar, onde um caminho estreito serpentea por entre as solidas rochas para a porta levadiça. Os cascos dos cavallos abriam buracos n'essas rochas até á profundidade de seis polegadas durante os seculos em que houve guarnições no castello. Por espaço de tres horas divagámos nas camaras e cryptas e carcereos subterraneos da fortaleza, e passámos por onde estiveram os cruzados vestidos de malha, e por onde os heros phenicios tinham andado antes d'elles.

Encheu-nos de admiração que um tão solido monte de cantaria pudesse ser abalado até por um terremoto, e não pudemos descobrir senão passado algum tempo o agente de destruição que converteu Baniás em uma ruína, e então a nossa admiração augmentou dez vezes. Tinha cabido somente nas fendas dos grandes muros; as sementes haviam germinado; os tenros e insignificantes germes endurecido; foram-se tornando cada vez maiores; e por effeito da pressão constante e imperceptível forçaram as grandes pedras a separar-se, e agora estão causando destruição certa na obra gigantesca que até affrontou os terremotos.

Das velhas paredes brotam por toda a parte arvores nodosas com os ramos entrelaçados, e aformoseam e en-

sombram as denegridas construccões com o luxo silvestre da folhagem.

D'essas torres antigas avistámos uma verde planicie muito extensa, que brilhava com as nascentes e riachos que são as origens do sagrado rio Jordão. Foi uma vista agradável depois de tanto deserto.

E, como a noite se approximava, descomos a montanha por meio de florestas dos carvalhos biblicos de Baniás (pois n'essa occasião iamoz já penetrando na terra Santa, ha tanto procurada), e mesmo na raiz da montanha, em face do immenso valle, entrámos na pequena e excecra aldeia de Baniás, e acampámos n'um grande bosque de oliveiras proximo de uma corrente de agua scintillante, cujas orlas eram guarnecidas de figueiras, romanzeiras e laureiros cobertos de follas. Os arredores da aldeia são um paraíso.

A primeira necessidade que se sentiu, estando uma pessoa a arder e cheia de poeira, é ver se toma um banho. E fomos pela beira da corrente até onde ella rompe do flanco da montanha, umas trezentas jardas das barracas, e tomámos um banho tão gelado que, se eu não soubesse que essa era a origem principal do rio sagrado, cuidaria que me havia de fazer mal.

Os incorrigiveis peregrinos vieram com os bolsos cheios de specimenes quebrados por elles nas ruínas. Tiraram á força fragmentos do tumulo de Noé; das delicadas esculpturas dos templos de Balbec; das casas de Judas e de Ananias em Damasco; do tumulo de Nemrod, o valente caçador; das apagadas inscripções gregas e romanas existentes nas vetustas muralhas do castello de Baniás; e agora tem estado lascando esses velhos arcos que Jesus viu. São capazes de levar consigo o Calvario, quando sahirom de Jerusalem!

As ruínas ha aqui não são muito interessantes. Ha as paredes massivas de um grande edificio quadrado que foi outrora a cidadella; ha uns arcos antigos muito pesados, e tão cobertos de destruccões que mal se erguem acima do solo; ha grossas canalisações por onde corre o

crystalino ribeiro do qual nasce o Jordão; no flanco da montanha estão os alieiros de um custoso templo de mármore que Herodes o Grande aqui edificou — ainda restam pedaços do seu formoso mosaico: ha uma bonita ponte antiga de pedra, que talvez aqui estivesse antes do tempo de Herodes; espalhados por toda a parte, pelas veredas e pelos bosques, capifios corinthios, pilares de porphyro quebrados, e pequenos fragmentos de esculptura; e lá em cima no precipício onde a fonte trompe está inscricções gregas muito gastas sobre nichos na rocha, tudo em tempos antigos os gregos e depois de elles os romanos adoraram o rustico deus Pan. Agora, porém, arvorem e arbustos crescem sobre muitas d'essas ruínas; as miseraveis cabanas de um pequeno mundo de arabes estão postadas sobre a quebrada escantaria da antiguidade, e muito custa a crer que uma cidade laboriosa e bem construida, aqui existisse jámais, ainda que fosse ha mil annos. Este lugar foi não obstante o theatro de um acontecimento, cujos effeitos tem acrecentado paginas e paginas, volumes e volumes, á historia do mundo. Porque n'este lugar esteve Christo, quando disse a Pedro:

« Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

« E tu te darel as chaves do reino dos céos. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado tambem nos céos; e tudo o que desatares sobre a terra será desatado tambem nos céos.

(S. Mathews, XVI, v. 18 e 19)

Sobre esses broves conceitos se levantou o poderoso edificio da Igreja Romana; n'elles reside a auctoridade do soberano poder dos Papas nas cousas temporales, e o seu como que divino attributo de amaldiçoar uma alma ou de a lavar do peccado. Para manter a posição de « unica Igreja verdadeira », que Roma pretende haver-lhe sido conferida d'esse modo, tem combatido, trabalhado e lutado durante muitos seculos, e continuará a lutar na mesma obra até á consumação dos séculos. As palavras que citei dão á essa cidade de ruínas quasi todo o interesse que ella offerece á geração presente.

Esta manhã, durante o almoço, a reunião usual de esqualida humanidade sentou-se fóra do circulo magico do acampamento, e aguardou as migalhas que o dé pudessem conceder á sua miseria. Havia novos e velhos, tri-

gheiros e amarellos. Alguns homens eram altos e robustos (pois é raro ver em qualquer parte homens de tão bolla apparencia como aqui no Oriente), mas todas as mulheres e creanças pareciam consumidas e tristes e mortas de fome. Esta gente fez-me lembrar muito dos indios. Pouca roupa trazem em si, mas essa meseta de bom gosto e phantastica na sua disposição. Qualquer abardia nublaria ou bagatella que fenhiam a péem do tal modo que chama a attenção immediatamente. Estavam assontados em silencio, e com insuportavel paciencia aproveitavam todos os nossos movimentos com essa estolidade e resignada descortezia, que é tão verdadeiramente indiana e torna o branco tão nervoso e mal disposto.

Tinham esses que nos rodeavam outras particularidades que tambem notei nos indios: estão infestados de vermes e a immundicie incrustara-se n'elles a ponto de ladrar.

As creancinhas achavam-se em lastimoso estado — todas tinham os olhos doentes e de varios modos estavam afflitas por outra fórma. Dizem que raramente em todo o Oriente uma creança é isenta de doenca de olhos, e que todos os annos milhares de ellas cegam de um ou ambos. Cuido que assim deve ser, porque todos os dias vejo muita gente cega, e não me lembro de ter encontrado quaesquer creanças que não tivessem os olhos doentes. E acreditariais que uma mãe americana pudesse estar sentada uma hora, com o seu filho nos braços, e deixar durante todo esse tempo as moscas pousar-lhe nos olhos sem as exortar? Vejo isso todos os dias. Hontem avistámos uma mulher montada n'um burrico, com uma creancinha nos braços; seriamente, me pareceu que a creança tinha oculos, quando nos approximámos, e passei de que a mãe consentisse tal cousa. Quando, porém, chegámos ao pé de ella, reconhecemos que os oculos não eram outra cousa senão um acampamento de moscas reunido em torno dos olhos da creança, sendo que ao mesmo tempo havia um destacamento sobre o nariz. As moscas eram felizes, a creança estava satisfeita, e por isso a mãe não intervinha.

Apouca a tribu descobriu que havia um medico na nossa companhia, começou a affluir gente de toda a parte. O dr. B., movido da sua alma caridosa, tirou uma creança a uma mulher, que estava sentada proximo de elle, e fez-lhe uma certa lavagem aos olhos doentes. Ora, essa mulher partiu d'alli, e passou palavra a toda a nação: tinha que ver elles a correrem! Os coxos, os estro-

piados, os cegos, os leprosos — todas as molestias oriundas da indolencia, da immundicie e da iniquidade — tiveram representação no congresso em dez minutos, e ainda chegava mais gente! Toda a mulher que tinha uma creancinha doente trouxe-a para alli, e a que a não tinha, appareceu com outra que não era sua. Que reverentes e devotos olhares ellas lançavam para aquelle temível e mysterioso poder, o medico! Vieram-lhe tirar os frascos, medir as porções de pó branco, adicionar-lhes gottas de um liquido precioso e gottas de outro; não lhes escapava o mais leve movimento; tinham os olhos pregados n'elle sob uma fascinação que nada podia distrahir. Creio que lhe concediam os attributos de um Deus. Quando a cada individuo se havia dado o seu remedio, riam-se-lhe os olhos de alegria — não obstante serem por natureza uma raça inerte e desagradecida — e no rosto via-se estampada a fé incontraverga de que nada sobre a terra poderia obstar a que o doente melhorasse agora.

Christo soube a maneira de pregar a essas creaturas simples, supersticiosas, atormentadas pela doenca; curava os enfermos. Acorriam em bandos esta manhã ao nosso bondoso medico, quando a fama do que elle tinha feito á creança doente se espalhou na terra, e alovaram-no com os olhos ainda antes de saber se havia ou não efficacia nos remedios. Os seus antepassados — precisamente semelhantes a estes na cor, nos usos, nos costumes e na simplicidade — seguiam em grande numero a Christo, e, quando o viram curar os afflictos com uma palavra, adoraram-no. Não é para admirar que as suas acções fossem o assumpto em que falava a nação inteira, nem que a multidão que o acompanhava fosse tão grande que, uma vez — a trinta milhas d'aqui — fosse necessario descer um doente pelo lecto da casa, porque á porta ninguém podia chegar; nem que as assembleas do povo fossem tão grandes na Galilla que elle tivesse de lhes pregar de um barco afastado a uma certa distancia da praia; nem que até em logares desertos, nos arredores de Bethsaida, cinco mil pessoas invadissem a sua solidão, e elle tivesse de se alimentar por um milagre para as não ver padecer na confiança da sua fé e da sua devoção; nem que, quando houve uma grande commoção em certa cidade n'esses dias, um visinho a explicasse ao outro com estas palavras: « Dizem que chegou Jesus de Nazareth! »

FOLHETIM N.º 16

(Continua.)





O CARNAVAL—A TUNA D'«O SECULO» (TROUPE MARTINS DA MOTTA)

O PINTOR CARLOS REIS
Autor do quadro que representa S. M. El-Rei a cavalloO REVERENDO LUIZ ALVES GOMES FREIRE
(pai do accoemo)
Fallecido em 23 de fevereiro.

O CARNAVAL—O CARRO DA TUNA D'«O SECULO»

A tuna de S. Thiago de Compostella

Foi recebida magnificamente na Escola Polytechnica a tuna da academia de Compostella. Na aula d'economia politica realisou-se uma sessão solenne, na qual usaram da palavra estudantes hespanhoes e portuguezes. A sala estava completamente cheia; viam-se muitas senhoras nas bancadas e reinava o maximo entusiasmo. Os estudantes hespanhoes foram recebidos pela tuna da Escola e logo se encaminharam para o amphitheatro, começando a sessão. Presidiu á reunião o alumno do 4.º anno sr. Luiz Boyzes de Saquete, secretario pelo estudante de Compostella sr. Raphael Alvarez Novoa e pelo alumno da Escola sr. Severim de Moraes. Fizeram-se entusiasticos discursos e foi recitada a poesia *A tuna que passa*. O estudante hespanhol Alvaro Sotto recitou tambem o monologo *Lecciones de cidadad* e a meio da sessão tocou-se a marcha real hespanhola e o hymno portuguez, que foram freneticamente applaudidos. O sr. Gomez de Aranjó, alumno da Universidade de Compostella, pediu aos academicos presentes o seu concurso para a realisação de



O FINAL DA SESSÃO DA TUNA DE S. THIAGO DE COMPOSTELLA NA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

congressos de estudantes e fallou da fraternidade que deve reinar entre os dois povos da península, ligados pela raza, pelos interesses e pela sympathia. Ao terminar foi levado em triumpho pelos estudantes portuguezes, ao mesmo tempo que do amphitheatro, onde se viam bastantes damas, um lanceado flores sobre o urador, saltando-se muitos vivas a Portugal e Hespanha.

™ Ainda a sessão na Escola, os estudantes de Compostella dirigiram-se ao Instituto Industrial, onde eram aguardados pelos d'aquelle estabelecimento; entraram na aula de chimica, onde devia realisar-se uma sessão solenne.

Tomou a palavra o sr. Gomez d'Aranjó, da tuna de Compostella, que expressou o seu pesar de não poderem assistir á sessão que se lhes tinha preparado, visto ter chegado um aviso de que S. M. a Brinha Senhora D. Amelia os receberia pelas 5 horas da tarde. Os academicos retiraram então do Instituto e embarcaram pelas 9 horas da noite no comboio que os devia conduzir directamento a Hespanha.

Na gare foram alvo de novas manifestações por parte da academia de Lisboa, levando todos gratas recordações de sua excurião.